

A hospitalidade em Pelotas no século XIX e início do século XX.¹

Dalila Müller – Universidade de Caxias do Sul/Universidade Federal de Pelotas²

Dalila Rosa Hallal – Universidade de Caxias do Sul/Universidade Federal de Pelotas³

RESUMO:

Este artigo visa analisar a hospitalidade em Pelotas no século XIX e início do século XX. Neste período Pelotas se destacou pelo seu progresso econômico, urbano e sócio-cultural e pelas atividades de lazer, possuindo fama de riqueza, prosperidade e intelectualidade, sendo destacada por vários viajantes. As manifestações de hospitalidade identificadas, tanto na cidade como no campo, se revestiram das formas familiar e comercial. A hospitalidade comercial se desenvolveu a partir das casas de pasto, tavernas, hospedarias, estalagens, casas de pensão, restaurantes e hotéis. As informações foram coletadas em jornais, relatórios do Município, estatísticas e manuscritos referentes ao período estudado. Pode-se concluir que Pelotas se destacou pela hospitalidade aos seus viajantes, seja em hospedagem familiar ou em hospedagem comercial, salvo algumas exceções.

PALAVRAS-CHAVE:

Hospitalidade; Pelotas; Hospedagem.

1 Introdução

Pelotas foi uma cidade que se destacou no final do século XIX e início do século XX, principalmente pela sua economia, cultura e lazer. Neste período vários viajantes vinham para Pelotas, se hospedando em casas particulares ou em casas de amigos ou parentes, associada a uma virtude burguesa de bem receber, ou ainda, em casas comerciais de hospedagem. Neste contexto a hospitalidade era o ato de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas deslocadas de seu habitat.

Este artigo tem o objetivo de especificar os principais meios em que a hospitalidade se desdobrou na cidade de Pelotas no século XIX e início do século XX, e dos quais descendem muitos desses meios atualmente conhecidos. A hospitalidade refere-se, para fins deste artigo, ao acolhimento proporcionado pelos moradores aos viajantes que se hospedavam nas

¹ Trabalho apresentado ao NP 19 – Comunicação, Turismo e Hospitalidade, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas; Especialista em Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas; Mestranda do Curso de Turismo da Universidade de Caxias do Sul; Professora Assistente do Departamento de Administração e Turismo da Universidade Federal de Pelotas desde 1998. E-mail: dmuller@ufpel.tche.br.

³ Bacharel em Ciências Domésticas pela Universidade Federal de Pelotas; Especialista em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas e Gestão e Produção do Turismo pela PUCRS; Mestranda do Curso de Turismo da Universidade de Caxias do Sul; Professora Assistente do Departamento de Administração e Turismo da Universidade Federal de Pelotas desde 1997. E-mail: dhallal@ufpel.tche.br.

residências ou em casas comerciais. Assim, a hospitalidade, no presente trabalho, é estudada nas suas duas formas: a hospitalidade familiar e a hospitalidade comercial.

As informações foram coletadas através de pesquisa documental e bibliográfica. Foram utilizadas fontes documentais como: relatórios, documentos e fontes estatísticas; as fontes bibliográficas foram, principalmente, jornais, que foram pesquisados de forma sistemática, levantando-se as informações dia a dia; e, livros de viajantes que estiveram em Pelotas.

2 Pelotas: contexto histórico-social

Pelotas está localizada a 250 km da capital do Estado, Porto Alegre, sendo uma das principais cidades do Estado do Rio Grande do Sul. A ocupação legal de Pelotas ocorreu por volta de 1750, pela concessão de terras através de sesmarias, porém, por volta de 1860 já existiam moradores, cuja posse de terras era ilegal, que formaram as primeiras povoações. O crescimento da povoação se deu depois de 1763, com os fugitivos da Colônia do Sacramento e de Rio Grande que se instalaram em Pelotas⁴ (OSORIO, 1997).

A principal atividade econômica de Pelotas, no século XIX e início do século XX, foi a charqueada. Segundo Magalhães (1993) o português José Pinto Martins transferiu-se para esta região meridional do Brasil, retirante da seca de 1777 do Ceará, instalando, à margem direita do arroio Pelotas, a primeira charqueada de Pelotas. José Pinto Martins foi seguido por outros, possuindo Pelotas 35 charqueadas em 1873. Segundo Arriada (1994) a região de Pelotas foi o grande centro saladeiril do Estado, mesmo havendo charqueadas em outros locais.

Em 1812 Pelotas atinge a condição de freguesia, passando a chamar-se Freguesia de São Francisco de Paula, desligando-se da Freguesia e Matriz de São Pedro, em Rio Grande. Em 07 de abril de 1832 a freguesia atingiu a condição de Vila, emancipando-se administrativamente de Rio Grande. Pelotas atingiu a condição de cidade em 1835, juntamente com Rio Grande, através da Lei nº 5 de 25 de junho de 1835. (MAGALHÃES, 1993).

Vários moradores abastados construíram suas moradias na cidade, principalmente os charqueadores. A charqueada era uma atividade sazonal, funcionando de novembro a abril ou maio, porque neste período o sol, que era utilizado para secar a carne, é mais intenso e porque

⁴ O nome “Pelotas” tem origem numa espécie de embarcação ligeira feita de couro, a qual apresenta uma concavidade onde fica o passageiro, com a sua roupa e arreios; era utilizada para atravessar arroios; a “pelota”

o gado está mais gordo (D'EU, 1936). Com esses longos intervalos de lazer proporcionados pela curta safra, os charqueadores passaram a cultivar uma incipiente vida social e cultural, no interior dos sobrados e no teatro, inaugurado em 1833. (MAGALHÃES, 1993) Também os estancieiros vinham a Pelotas gastar seu dinheiro, contribuindo para o enriquecimento da cidade. (D'EU, 1936).

Essa elite fez com que Pelotas se destacasse pela sua sofisticada cultura e estilo de vida, que a diferenciava das outras cidades gaúchas do interior; nesta sociedade se valorizava as qualidades relacionadas com a nobreza e a ociosidade, como o cavalheirismo, a cultura e o desprendimento do dinheiro. Era uma sociedade em que havia a valorização de um ócio que permitisse aos cidadãos usufruírem os entretenimentos e bens culturais disponíveis. (LONER, 1999).

Pelotas também se transformou “em principal centro econômico da zona da campanha, pólo de distribuição de mercadorias originadas do Rio de Janeiro ou do Velho Mundo, e local de reunião e exportação dos produtos da região para o norte do território nacional, sobretudo o charque.” (SANTOS, 1997, p. 23).

Após a Revolução Farroupilha (1835-1845), as charqueadas permaneceram sendo o núcleo de maior circulação monetária e acumulação de capitais. Surgiram indústrias complementares, como curtumes e fábricas de sabão e velas, diversificou-se a aplicação do capital em outras atividades, intensificaram-se as operações de crédito e as transações bancárias. (MAGALHÃES, 1993).

Segundo Magalhães (1993, p. 70) durante os anos de 1851 e 1860 “... que Pelotas vai dar o salto capaz de situá-la entre as cidades pequenas mais prósperas do Brasil.” Neste período Pelotas recuperou sua economia e delineou sua configuração urbana, consolidando-se no período seguinte, mantendo o apogeu entre 1860 e 1890. Depois de 1851 há indícios de certa atividade intelectual, além do teatro, como a instalação de um gabinete de leitura e a publicação de livros e jornais.

Porém, já no final do século XIX, a indústria saladeiril pelotense começou a entrar em decadência. Pesavento (1985) aponta os principais motivos: a charqueada gaúcha operava como uma manufatura, produzindo um gênero de baixa qualidade e mau aspecto, com precária tecnologia para um mercado altamente competitivo, uma vez que o charque gaúcho competia com o charque platino e com o de Minas Gerais.

era puxada por um indivíduo a nado, levando presa aos dentes a extremidade da corda que prende a embarcação; a corda também poderia ser puxada por um condutor a cavalo. (LOPES NETO, 1911, p. 06)

A crise na pecuária do início da República foi superada, graças à políticas internas do governo borgista e, especialmente, à Primeira Guerra Mundial, que permitiu às charqueadas trabalharem a todo vapor, exportando sua produção para o exterior. Contudo, em 1919, nova crise desencadeou-se na pecuária, porque o governo do Estado, no momento buscando a encampação das estradas de ferro gaúchas, retirou todo o dinheiro aplicado em bancos estaduais, especialmente no Banco Pelotense, dessa forma provocando a descapitalização da região.

Segundo Loner (1999) a década de 30 constituiu-se num período de crise, especialmente para Pelotas, quando a falência do Banco Pelotense e o fim das charqueadas abriram um período de definição e readequação econômica, baseado na indústria da alimentação, desenvolvimento da agricultura do arroz e conservas.

Após a 2ª Guerra Mundial, Pelotas cresce em população sem que haja um acompanhamento no desenvolvimento do setor produtivo. A partir de 1945, o grande responsável pelo crescimento de Pelotas vai ser o beneficiamento de arroz, cultura largamente introduzida na região desde décadas anteriores.

Atualmente Pelotas é um dos principais centros comerciais do Estado e o mais importante município da zona sul do Rio Grande do Sul no que se refere às atividades de comércio.

3 A Hospitalidade em Pelotas

Segundo Dias (2002), originária da expressão latina *hospitalitas-atis*, a noção de hospitalidade carrega sentidos diversos, como o ato de acolher, hospedar; a qualidade do hospitaleiro; boa acolhida; recepção; tratamento afável, cortês, amabilidade; gentileza.

Conforme vários autores, a hospitalidade é bastante antiga, e tem sido associada tanto a aspectos sociais quanto religiosos. Belchior e Poyares (1987, p. 19) colocam o ponto de partida da hospitalidade na civilização romana. Os romanos utilizavam a palavra *hospitium* que designava “o local em que as pessoas, durante as viagens, poderiam conseguir, em caráter temporário, instalações para se alimentar e repousar.”

De acordo com Bueno (2003) pode-se falar em hospitalidade como virtude burguesa associada à idéia de bem-receber – uma iniciativa individual próxima a amizade, ou pode ter uma dimensão coletiva e um caráter de obrigação e, nesse caso, estaria associada à idéia de caridade, que hoje seria domínio do serviço público e da proteção social. Em relação a aspectos mais recentes, o domínio comercial seria também abordado.

Conforme Bastos (2003) o século XIX caracterizou-se pela hospitalidade familiar ou doméstica, uma forma de acolhimento pautado por relações de reciprocidade e/ou generosidade do anfitrião. Não era de bom-tom hospedar-se em hotéis e hospedarias, e sim, acomodar-se na residência de conhecidos.

Pires (2001) relata que para Sérgio Buarque de Holanda um traço definido do caráter brasileiro era a generosidade e a afabilidade no trato. Para o historiador “a ‘cordialidade’ do brasileiro é antes, uma consequência da maneira como esse se relaciona com a sociedade: reduzindo o indivíduo à parcela da social.” (PIRES, 2001, p.128). O desejo de estabelecer intimidade seria, na visão do historiador, uma das formas como se expressaria a chamada “cordialidade brasileira”. Porém, o autor identificou em documentos coletados que esse afã de intimidade descrito por Buarque de Holanda, esgotava-se em si mesmo, sem outros interesses, muitas vezes camuflados de diversas maneiras. O autor cita como exemplo, a hospedagem daqueles que se encontravam em posição de mando, situação a qual o desejo de intimidade ia muito além da cordialidade, pois a aceitação do convite estava quase sempre condicionada a concessão de favores pessoais ou representava prestígio do hospedeiro perante seus pares (PIRES, 2001).

Pode-se supor que as primeiras manifestações de hospitalidade em Pelotas se deram de forma familiar. Segundo Belchior e Poyares (1987) a hospitalidade familiar lançou profundas raízes no Brasil, proporcionando generosa acolhida aos viajantes, por ser uma atividade gratificante, bem como por proporcionar contato ao hospedeiro com um mundo distante, do qual não contavam com seguidas oportunidades para conhecer as novidades.

Alguns viajantes, que estiveram no século XIX em Pelotas, destacavam a hospitalidade dos habitantes da cidade e da região. Pires (2001) constatou que os viajantes estrangeiros do século XIX surpreenderam-se com a hospitalidade brasileira. Observa-se a seguir que os elogios permeiam os relatos.

Os habitantes, na maioria brasileiros, são ativos, hospitaleiros e industriais, com uma boa dose do espírito ianque de progresso, além de serem muito vivos com respeito a negócios. (MULHAL, 1974, p. 132).

O com que se pode contar melhor é com a hospitalidade dos moradores, ... (LUCCOCK, 1935, p. 83)

Tão difundidos estão esses generosos e hospitaleiros modos entre o povo dessa região, ... (LUCCOCK, 1935, p. 86)

A hospitalidade é ainda, entre a maioria, uma virtude que se pratica com generosidade. (ISABELLE, 1983, p. 35)

Foi hospedar-se para a casa do vigário, que o recebeu com a mesma cordialidade, ... o bom vigário ... tratou o Coronel com tal carinho e generosidade, ... (D'AZEREDO, 1957, p. 33-4)

Observa-se nos relatos que os viajantes relacionam a hospitalidade com a generosidade da população pelotense.

A hospitalidade familiar era realizada nas casas rurais, em charqueadas e estâncias, e também em residências urbanas, como pode ser observado nos exemplos a seguir. O francês e naturalista Saint-Hilaire, em sua viagem ao Rio Grande do Sul, esteve em Pelotas em 1820, hospedando-se na charqueada, às margens do Arroio Pelotas, de Antonio José Gonçalves Chaves.

Hospedaram-me em um quarto pouco iluminado, dando para uma sala de refeições, gênero de distribuição comum em todo o Brasil. ... A viagem de hoje foi muito agradável. O Sr. Chaves é um homem culto, sabendo o latim, o francês, com leituras de história natural, conversando muito bem. Pertence à classe dos xarqueadores, ou fabricantes de carne seca. ... A mesa de meu hospedeiro é farta. É principalmente a carne de vaca que se apresenta em feitiços variados; contudo temos pão e vinho às refeições. (SAINT-HILAIRE, 1935, p. 84 e 93)

Saint-Hilaire trazia uma carta de recomendação para o coletar geral dos dízimos da Paróquia S. Francisco de Paula. A carta de recomendação era um instrumento utilizado, que auxiliava os viajantes a se hospedarem nas cidades Pires (2001).

Além de hospedagem e alimentação, os viajantes, durante longas viagens, realizavam a troca de cavalos em estâncias. Este fato é relatado por Luccock (1935), quando numa de suas viagens solicitou a troca de cavalos, o qual foi prontamente atendido. Este fato também revela a hospitalidade dos fazendeiros da região.

Mesmo hospedando-se no Hotel Europa, Mulhal recebeu vários convites para jantar em casas particulares. Segundo Pires (2001) a simples visita de alguma autoridade era muito disputada pelas pessoas que queriam estabelecer vínculos.

Ainda não estávamos nem sequer uma hora no hotel e já havíamos recebido três ou quatro convites. Aceitando o primeiro, fomos jantar com o principal farmacêutico, um jovem brasileiro que estudou na Inglaterra... (MULHAL, 1974, ps. 132)

Conde D'Eu, que realizou uma viagem militar ao Rio Grande do Sul em 1865 desfrutou da hospitalidade pelotense, hospedando-se na casa do Sr. Ribas, o qual realizou passeios com seu hóspede.

Fiquei nove dias em Pelotas a gozar da amável hospitalidade da família Ribas, ou antes, do barão de Piratinim, que a maior parte do tempo fazia as vezes de seu cunhado como dono da casa, e a dar com o barão passeios de convalescente através da risonha campina, que rodeia esta localidade privilegiada. (D'EU, 1935, p. 216)

Apesar dos encantos do passeio através das chácaras dos Pelotenses, não descançou o excelente barão enquanto me não levou a visitar os estabelecimentos de beneficência, pelos quaes muito se interessa. São um asylo para orphãs, uma Casa de Beneficência Portugueza e por fim, e principalmente, uma importante Sancta Casa de Misericórdia, ... (D'EU, 1935, p. 217)

Em 1885 com a princeza e nossos filhos, tive novamente o prazer de gozar da brilhante hospitalidade do digníssimo visconde de Piratinim (...), assim como de todas as atenções que sempre pressurosos nos prodigalizáram com o maior cavalheirismo seus distinctos sobrinhos, senhores Ribas. (D'EU, 1935, p. 218)

Luccock, viajando por Pelotas e região, entre 1809 e 1813, também registrou a hospitalidade dos fazendeiros para com os estrangeiros:

Nas residencias de fazendeiros de tratamento, ou antes, de criadores de gado é usual haver um quarto destinado aos estrangeiros. A esse aposento são escrupulosamente conduzidos os freios, as sellas e toda a bagagem do viajante. Os cavallos, uma vez desencilhados, ficam a cargo dos escravos e sob o exclusivo zelo do dono da casa. ... A um hospede que se quer distinguir com especiaes mostras de affeição, costuma-se perguntar como prefere lhe seja servida a caça. Enquanto se prepara o jantar, a palestra mantem-se animada especialmente quando se encontram viajantes procedentes de sítios diversos. ... Cerca de onze horas surge um escravo com água e toalha para as mãos e o rosto, seguido, em breve espaço, por outro que traz água quente e fria para a hygiene dos pés – habito muito louvável em região tão quente e poeirenta. Preparado o quarto de dormir em conformidade com o numero de hospedes, o dono da casa para alli os conduz e mostra a cada qual a cama que lhe é destinada. (LUCCOCK, 1935, p. 85-6)

Arséne Isabelle viajou pelo Rio Grande do Sul nos anos de 1833 e 1834, passando pela região de Pelotas, segundo ele:

Na maioria das estâncias ou fazendas há um rancho aberto, sem outro móvel que um barril ou uma talha de água, um chifre, um banco ou dois, e, raras vezes, uma cama de lona estirada, feita com correias de couro não curtidas: é o que os brasileiros chamam casa dos hóspedes. ... Fazem passar o viajante a casa dos hóspedes e lá é servido por um negro ou índio, sem se comunicar mais com a família do fazendeiro ou do estancieiro. (ISABELLE, 1983, p. 35)

Observa-se que neste exemplo o fazendeiro ou estancieiro não busca manter contato com o hóspede, seja ele estrangeiro ou não. Pode-se supor que a hospedagem se dava por obrigação, não possuindo um caráter hospitaleiro.

A hospitalidade familiar também era realizada nas residências urbanas para conhecidos e familiares, como se observa a seguir.

Chegou hontem o Dr. Assis Brazil. S. Ex. hospeda-se na residência do Dr. José Gonçalves Chaves, onde lhe foi offerecido um jantar íntimo. (CORREIO MERCANTIL - C.M., 14.08.1904)

... chegou hontem a esta cidade o sr. Enedino Gomes, doutor em medicina formado pela faculdade da Bahia. ... S.S. é hóspede do sr. Dr. Miguel Rodrigues Barcellos. (C.M., 10.10.1883)

Francez Anna da Silva Carvalho, recentemente chegada a esta cidade, dispondo das necessárias habilitações, propõe-se a leccionar a língua franceza, pelo methodo Hallendorf, em casas de famílias, a senhoras e meninas, mediante condições favoráveis. Também alumnas para ensinar em sua casa. Póde ser procurada em casa de Boaventura da Fontoura Barcellos. (C.M., 10.03.1878).

Notícias – Médico Homoeopatha – Deve brevemente chegar a esta cidade onde vem demorar-se alguns dias de passeio, o illustrado e humanitário medico homoeopatha, Sr. Dr. Araponga do Amaral, residente na capital da província, onde é vantajosamente conhecido e goza de merecida reputação como facultativo distincto e home philanthropico. Durante sua permanência n’esta cidade, o Sr. Dr. Araponga vai hospedar-se em casa de seu amigo o Sr. J. A. de Souza Soares. (ONZE DE JUNHO - O.J., 26.10.1883).

Hospede distincto – Acha-se entre nos procedente de Bagé o illustrado e estimavel cavalheiro, Sr. Dr. Antonio Soares da Silva. S. S. acha-se hospedado em casa do seu digno irmão, o Sr. Major Manoel Soares da Silva. Saudamos respeitosamente tão distincto hospede, e desejamos-lhes agradável permanência entre nos. (O.J., 24.02.1884).

A hospedagem gratuita de pessoas ilustres, nas casas de famílias, representava a hospitalidade baseada em interesses materiais, políticos e no desejo de aumentar o prestígio do dono da casa. A hospedagem dos viajantes estrangeiros era motivo de orgulho para os brasileiros, por serem cientistas, ou somente por serem estrangeiros e terem vindo de famosas nações do mundo. (PIRES, 2001)

Com a hospitalidade familiar coexistiu a hospitalidade comercial, na cidade e no campo; os viajantes utilizavam hospedagens pagas, como casas de pasto, hospedarias, estalagens, tavernas, em locais que alugavam cômodos, pensões, restaurantes e hotéis.

Segundo Dias (1990) as casas de pasto ofereciam inicialmente refeições, passando, posteriormente, a oferecer quartos para dormir. As hospedarias eram parte das casas de pasto, destinadas a oferecer hospedagem. Estancieiros e peões que vinham a Pelotas para vender gado buscavam comida nas casas de pasto⁵ (ARRIADA, 1994).

Alguns hotéis se caracterizavam por casa de hospedagem e de pasto, como o Hotel Federativo e o Hotel dos Operários: *Hotel Federativo* Esta conceituada casa de hospedagem

⁵ Casa de pasto – “Local em que cada um come por seu dinheiro”; “Comer a pasto é comer a fartar por um preço certo por cada pasto e não pedindo um tanto de cada coisa.” (Moraes e Silva, 1798 citados por BELCHIOR e POYARES, 1987, P. 43).

e pasto, á rua General Osório n. 203, ...” (DIÁRIO POPULAR - D.P., 10.07.1903); “...e Gallo e Alberto vivem na casa de pasto denominada Hotel dos Operarios.” (DIÁRIO DE PELOTAS - D. Pel., 04.04.1878). Era comum entre os proprietários escolherem qualificações a seu gosto para sua casa de hospedagem. Visando imprimir requinte ao estabelecimento, elevando a categoria dos serviços proporcionados, designavam hotel (BELCHIOR e POYARES, 1987). Pode-se observar que no Boletim Estatístico não é possível diferenciar os hotéis, casas de pasto e restaurantes. Em 1890 Pelotas possuía 19 hotéis, casas de pasto e restaurantes, sendo 4 de primeira ordem (BOLETIM, 1891).

Estalagens também eram utilizadas para a hospedagem. Segundo Moraes e Silva, citados por Dias (1990) estalagem define-se como casa pública onde viajantes se agasalham mediante pagamento de um cota das despesas. Mulhal, em 1871, esteve em uma estalagem de um francês, destacando sua excelência:

A cerca de dez milhas da cidade, a estrada divide-se em duas direções: uma para Jaguarão e a outra para as (Três) Cerros. Neste lugar, há uma excelente estalagem de beira de estrada, dirigida por um basco francês (dos Baixos Pirineus) e sua esposa, que com escrúpulo conservam tudo limpo. Seu filho e sua filha são os mais gentis garçons e a cozinha faz jus à boa reputação da dona da casa. (MULHAL, 1974, p. 135).

Na região rural, agricultores possuíam tavernas e também forneciam hospedagem, juntamente com a realização de atividades agrícolas. As tavernas e hospedarias se localizavam, principalmente, na beira de estradas que conduziam para a cidade. Pelotas era considerada um centro comercial, para onde vinham pessoas de toda região sul para se abastecerem.

Os agricultores das regiões rurais traziam seus produtos para vender na cidade, especificamente na praça das Carretas, que era um “paradouro” de cavalares e das numerosas carretas que cotidianamente vinham da Campanha e da serra dos Tapes para a cidade (CUNHA, s/d). Como a viagem era realizada em carroças, e muitas vezes levava dias, os colonos não a cumpriam sem pouso, então utilizavam as tavernas ou hospedarias. Segundo Dias (1990) as tavernas consistiam em casas de pasto de qualidade inferior, sendo que entre suas atividades adicionais estaria a hospedagem e, as hospedarias eram habitações coletivas onde se alugavam cômodos por hora, dia e noite.

A beira da estrada, entre Sta. Helena e Santa Áurea, em casa de alvenaria e telha, está estabelecido com taverna João Grigoletti, que possúe como dependências, um prédio de alvenaria coberto de zinco, com commodos para hospedes e carroças, outro de taboas e zinco, e mais uma casa de alvenaria e telhas para deposito de gêneros e adega. Tem pequeno vinhedo. [1911] (CUNHA, s/d, s/p)

Em pequena elevação, á mesma margem do Quilombo, estabeleceu-se a casa commercial de Pedro Bachini, com hospedaria para colonos. [1911] (CUNHA, s/d, s/p)

Germano Mielke, cultor de milho e alfafa, possui na estrada que da Colônia Municipal se dirige a Pelotas, estabelecimento de alvenaria e telha, em que tem negocio de taverna estabelecido, com dependências para hospedagem. [1911] (CUNHA, s/d, s/p)

Na cidade, a hospedagem se dava em locais “que alugavam cômodos”, onde seus proprietários desempenhavam, juntamente com outra profissão, a hospedagem; em casas de pasto, pensões, restaurantes e hotéis.

Algumas pessoas se dedicavam a hospedagem juntamente com outras profissões, como pode-se citar o exemplo a seguir: “... Ante-hontem ás 11 horas da noite na rua dos Voluntários, em uns quartos de propriedade do Sr. Serafim alfaiate, ...” (O.J., 27.04.1883) Posteriormente, os quartos deram origem ao Hotel Camponez.

A hospedagem também se dava em pensões:

Casa de Pensão – Vicentina Alves fornece comida para fora e recebe pensionistas. Rua XV de Novembro n. 94. Com abatimento para chefes de família. (C.M., 03.02.1897)

Vai abrir-se brevemente uma casa allemã de pensão, á rua Felix da Cunha, n. 115. ... (C.M., 30.04.1897)

CASA DE PENSÃO CARLOS GRINDLER Inaugurou-se domingo, 27 do corrente, esta casa, única em seu gênero em Pelotas. Possui excellentes commodos, vasto refeitório decorado, sala reservada, etc. Fornece boa comida e tem semprebons líquidos em deposito. Garante serviço correcto e sem delongas, garantindo o proprietário o escrupuloso cumprimento de seus contractos. Encarrega-se de preparar, ao sabor do freguez, qualquer extraordinário. Continua a ser feito o serviço de café. Verificar e tratar com o proprietário, á rua Andrade Neves, n. 151 (sobrado), onde esteve o CLUB CAIXEIRAL. Carlos Grindler (C.M., 29.06.1897).

A hospedagem em restaurantes:

Restaurante No próximo mês será inaugurado o restaurante Federativo, de propriedade dos Srs. José dal Grande & C., à rua S. Miguel. A atual sala de refeição será dividida em pequenos aposentos para hóspedes. (D.P., 08.11.1891).

Restaurant Cavour N’este estabelecimento, recém aberto á concorrência publica, recebe-se pensionistas e fornece-se comida para fóra. Aceitam-se encommendas para banquetes, casamento e baptisados, dispondo o estabelecimento de um hábil confeitoiro que faz a capricho castellos, bolos de casamentos, xaropes de groseilles, laranja, limão, tamarindos, orchatta, etc. Tudo a preços commodos. A cosinha acha-se a cargo do sr. Caetano Giacobeni, bem conhecido pela sua perícia na arte culinária. Rua General Osório 244. (D.Pel., 12.12.1882)

Alguns locais que alugavam cômodos, os restaurantes e as pensões, foram embriões de muitos hotéis em Pelotas. Os quartos do Sr. Serafim deram origem ao Hotel Camponez; a pensão Grindler, depois de passar por reformas em fevereiro de 1898, passa a denominar-se Hotel Grindler. Os restaurantes citados anteriormente deram origem, respectivamente, ao Hotel Federativo e ao Hotel Cavour.

Porém, já na década de 1840 Pelotas possuía hotéis. Os hotéis pioneiros da hospitalidade comercial de Pelotas foram o Hotel Aliança (1843), Hotel Moureau, Hotel dos Emigrados, Hotel do Commercio (existentes na década de 1850), Hotel Garibaldi (1861), Hotel Europa, Hotel Colombo, Hotel Club do Commercio, Hotel das Nações, Hotel Particular, Hotel São Pedro, Hotel do Universo, Hotel Brazil (já existentes na década de 1870), sendo seguidos por muitos outros. No século XIX e até 1928 foram identificados, em torno de 125 hotéis em Pelotas. Nem todos ofereciam hospedagem, apesar do nome, alguns apenas designavam bilhares. O Hotel Moreau possuía bilhares, porém, não consta que hospedasse viajantes.

Chegamos afinal a uma grande praça no alto da colina e logo encontramos o caminho para o Hotel Europa, que é dirigido por um português gordo com seis empregados indolentes. (MULHAL, 1974, ps. 131)

Hotel Garibaldi Fundado em 1861. Propriedade de Viúva Bonfiglio & C. Rua General Ozório n. 250 – Pelotas. Destinado a hospedar viajantes da campanha, dispõe de excellentes commodos e o tratamento dispensado aos hospedes é inexcedível em presteza e correcção. A gerência do estabelecimento é exercida pelos proprietários, cuja longa pratica os habilita a poder servir do melhor modo possível á sua distincta freguezia. Preços módicos. (C.M., Folhinha para o 2º sem. 1901).

Hotel do Commercio de Perez & C. Os novos proprietários deste estabelecimento chamam a atenção do respeitável publico desta cidade, para a grande reforma que acabam de fazer no mesmo estabelecimento. Aos viajantes garante-se superiores commodos, como sejam: quartos e excellentes sallas para famílias. Aceitam-se pensionistas por todo o preço, que seja no HOTEL ou fora d'elle. Avisam também aos amantes das petisqueiras, que sempre teem superior canja de gallinha ou qualquer outra iguaria, preparada por um hábil cosinheiro. Das 9 ás 12 horas da noute os preços são sem competência. Hospedes diários, de 2\$ a 8\$000 Pensionistas, de 20\$000 a 60\$000 mensaes banhos a qualquer hora do dia ou da noute. 102 Rua Andrade Neves 102 (sobrado). (C.M., 07.12.1879).

SURPREZA O HOTEL DO UNIVERSO, sempre solicito para com seus numerosos freguezes, offerece hoje aos amantes dos bons petiscos uma variedade infinita dos melhores manjares á portugueza, preparados e adubados pelo sr. Arnaldo A. Rocha, já tão conhecido dos apreciadores do bom e agradável. Também se fará representar a cosinha franceza, ingleza, allemã e ... finalmente todas as outras nações, porque elle sempre continúa a ser o Hotel do Universo. (D.Pel., 24.06.1880).

Hotel Rio Branco Rua Gen Netto n. 158 Estabelecimento de primeira ordem, em condições de atender o freguez mais exigente, exclusivamente para famílias e viajantes, com boas salas de refeições completamente ventiladas, quartos hygienicos, bem mobiliados e arejados, e iluminação em todas as dependências com farta luz electrica. Divisa da casa: ORDEM, ASSEIO. Preços módicos. Almoço ou jantar 2\$000. Armando Lima & C. (D.P., 17.01.1918)

Visando tornar a estadia dos hóspedes mais prazerosa os hotéis ofereciam atividades de entretenimento, como pianos nos salões, concertos, bilhares e jogos diversos. Também ofereciam comodidades, tais como transporte que levava o hóspede da estação férrea ou do porto para o hotel e vice-versa.

Observou-se que alguns hotéis se destacavam pela hospitalidade, principalmente o Hotel Alliança:

Hotel Alliança ... Durante aquelles dias foi enorme o movimento do hotel, o que não obstou que o serviço fosse feito com toda a regularidade e prontidão, graças à hábil direção do sr. Gotuzzo, cujas aptidões para aquele ramo de negócios são por demais conhecidas. (C.M., 20.11.1890).

Hotel Alliança – Os Srs. Capitão Dantas Barretos e Silvino Vidal, em um escripto fazem os seguintes conceitos, a respeito d'esse estabelecimento: Os aposentos que nos foram destinados reuniram luxo pouco vulgar, todas as confortabilidades que é possível encontrar em estabelecimentos d'essa ordem, montados nas condições do Alliança, que é no seu gênero, o primeiro da província. Fomos tratados no Alliança principescamente. (D.Pel., 28.02.1889)

... Vem a proposito, dizer que, ao retirar-se para o Rio Grande, s. ex. o ministro do Chile, d. Francisco Herboso, manifestou ao digno proprietário do Alliança, sr. Caetano Gotuzzo, sua satisfação pelo modo porque fora tratado, tendo lisongeiras referencias para a excellencia do serviço, conforto dos apartamentos que lhe foram destinados e ainda para a actividade do pessoal. ... (D.P., 18.12.1908).

Alguns hóspedes reclamavam do atendimento dado por alguns proprietários, bem como pelas condições dos hotéis:

Hotel? Não! Espelunca? Sim! ... os artistas Affonso Fiachini e Manganotti Guido, este maestro e aquelle violinista da companhia de operetas que trabalha em um dos theatros desta cidade, os quaes por infelicidade hospedaram-se no Soi Disant Hotel Brasil, estabelecimento que, como se sabe, é tudo menos o que pretende ser. Aquelles estrangeiros passaram martyrios, ali, inclusive fome e frio ... Com Raul Espinosa, violoncilista da mesma troupe, fallecido na Santa Casa, o hoteleiro sem entranhas procedeu igualmente de forma desumana. Estava o infeliz moribundo e, no próprio hospital, no leito do soffrimento, o hoteleiro mandou-lhe cobrar a conta ... Os cavalheiros que acima mencionamos, disseram-nos que teem viajado muito, teem percorrido inumeros hotéis, têm visto muita cousa, mas nunca, absolutamente nunca viram um hotel tão sujo, tão desorganizado, tão mal

servido, com cosinha tão infame e commodos tão detestáveis como os do hotel Brasil ... (O Rebate, 21.11.1918).

Hotel Constante Continuam a reproduzir-se os crimes e os escândalos no hotel Constante, situado no porto da cidade e para o qual por mais de uma vez temos chamado a atenção da polícia. ... Hontem as 11 horas da noite no porto da cidade no hotel Constante houve uma grande desordem, onde se dispararam tiros, segundo nos consta. Afirmam que na calçada do referido hotel, em direcção ao cães, há vestígios de sangue, e em maior quantidade em umas Lages perto da casa de negócio dos Srs. Eiras & C.. (C.M., 04.07.1883)

Hotel Penny Aos proprietários d'este acreditado estabelecimento, pedem o obséquio de associarem á limpeza, asseio e ordem que tão rigorosamente têm sustentado, mais promptidão e regularidade no serviço, demasiadamente moroso. Alguns frequentadores. (O.J., 18.06.1882)

... o dr. Henrique Remassar Lopes, deu queixa contra Albino Ferreira, proprietário do Hotel Rio-Grandense, que o insultara. (O Rebate, 24.06.1915).

Hoteleiro immoral. ... A esposa do cidadão estava dormindo quando abriram a porta de seu quarto: "que, entretanto, viu logo depois a porta abrir-se e um vulto encaminhar-se da sua cama, tentando forçá-la a actos libidinosos; que reconheceu perfeitamente ser esse vulto o proprietário do hotel, sr. José A. Rodrigues que pretendeu subjulgá-la; ... (O Rebate, 22.04.1920).

Hotel que se paga e não se come No Hotel Universal, cobra-se 5\$000 adeantadamente aos hospedes. Põem á mesa um pão de dois vinténs, uma água com azeite, uma postinha de peixe podre e nada mais ... O freguez que está com appetite pede, ainda por favor, uma pequena porção de batatas fritas e dizem que não tem. Quem serve ás mesas são suas meninas e a patroa. Trez freguezes e trez caixeiras e o freguez sahe sem comer. Sobremesas não tem. Café da manhã não se usa. As camas nesse hotel são uns catres, vulgarmente conhecidas camas de vento. O hotel tem porteiro, porem, os desesperados da sorte, em número de 10 ou 12, fazem do corredor um albergue nocturno. É um horror entrar nessa casa. Os proprietários não dormem no estabelecimento. Os hospedes são poucos e ali ficam assustados, com receio do que lhes possa acontecer no vae-vem dos noctívagos. Joaquim Vizeu de Sá Arthur Alves de Souza (D.P., 04.12.1912)

Pelos relatos observa-se que alguns hotéis pecavam no atributo hospitalidade, incluindo precárias condições de higiene e de organização nos hotéis; irregularidade e mau atendimento; falta de segurança; morosidade nos serviços; e falta de idoneidade moral.

Alguns hotéis localizavam-se afastados da cidade, a fim de proporcionar tranqüilidade, lazer. Esses empreendimentos possuíam um carácter fundamentalmente turístico. Destaca-se o Restaurant Familiar, no Capão do Leão; a Villa João Schild, no Retiro e estalagens na Cascata:

Ao Capão do Leão Restaurante Familiar ... Excursionistas encontrarão boas acomodações, succulentas iguarias, banhos, etc. Fiambres e bebidas de todas as qualidades. O RESTAURANTE FAMILIAR está habilitado a bem servir e a atender convenientemente às Exmas. famílias que o queiram honrar a sua visita. Aceitam-se hospedes. Alugam-se commodos para as famílias que queiram ali passar a estação calmosa. Garante-se a maior ordem, asseio e presteza. Este estabelecimento tem um esplêndido banho de água corrente, diversos recreios e agradável passa tempo. ... (C.M., 10.12.1896)

Aos veranistas Villa João Schild – Retiro ... Os srs. Excursionistas encontraram em meu estabelecimento toda classe de bebidas, bem como a minha cosinha trabalha dia e noite, podendo assim atender às maiores exigências a qualquer hora. Chamo a atenção das pessoas interessadas que temos além de muitas outras condução para esta villa, a diligencia do sr. Marcellino, cujo serviço é feito com a máxima regularidade. Banhos e picnics Os srs. Excursionistas, encontrarão logar próprio nas margens do arroio Retiro, em terras de minha propriedade, logares os mais agradáveis para picnics e banhos. Nada faltando, portanto, para minorar a estação calmosa que ora começa. Retiro, 18 de dezembro de 1906. João Schild. (D.P., 19.12.1906)

Serra dos Tapes na qual se desfructam panoramas empolgantes, paisagens bellissimas e deparam-se extensos vinhedos, opulentos pomares de fructos e deliciosos, granjas e estalagens acolhedoras e fartas. (CUNHA, s/d).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas informações pode-se inferir que em Pelotas, no século XIX e início do século XX, a hospedagem enquanto forma de hospitalidade, se desdobrou em hospitalidade familiar e comercial. A hospitalidade familiar pode ser identificada nas residências dos charqueadores, de estancieiros, e nas famílias do meio urbano a partir do acolhimento, da hospedagem, da alimentação e do entretenimento. A hospitalidade comercial se deu nas casas de pasto, tavernas, estalagens, hospedarias, pensões, restaurantes e hotéis os quais ofereciam os mesmos serviços. Também identificou-se em alguns estabelecimentos a falta de hospitalidade no que se refere principalmente a higiene, mau atendimento e segurança.

O destaque de Pelotas pela sua sofisticada cultura, estilo de vida, cavalheirismo, traduziu-se na hospitalidade aos viajantes. Observou-se que muitas vezes a hospitalidade era uma forma de adaptação do viajante a localidade, uma vez que eram os proprietários da residência ou dos meios de hospedagem que o levavam a conhecer a cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIADA, Eduardo. *Pelotas – gênese e desenvolvimento urbano*. Pelotas: Armazém Literário, 1994.
BASTOS, Sênia. Hospitalidade e História: A cidade de São Paulo em meados do século XIX. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti & BUENO, Marielys Siqueira (orgs). *Hospitalidade: Cenários e Oportunidades*. São Paulo: Thompson, 2003.

BELCHIOR, Elysio de Oliveira e POYARES, Ramon. *Pioneiros da Hotelaria no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: SENAC, 1987.

BOLETIM apresentado à Intendência Municipal da Cidade de Pelotas em sessão de 12 de maio de 1891 por Euclides B. de Moura (Director da Repartição de Estatística da mesma Intendência). Pelotas – Estado do Rio Grande do Sul: Imprensa a vapor da Livraria Universal de E. Irmãos & C., 1891.

BUENO, Marielys Siqueira. Introdução. In.: DENCKER, Ada de Freitas Maneti & BUENO, Marielys Siqueira (Orgs). *Hospitalidade: Cenários e Oportunidades*. São Paulo: Thompson, 2003.

CORREIO MERCANTIL. 10.03.1878; 07.12.1879; 04.07.1883; 10.10.1883; 20.11.1890; 10.12.1896; 03.02.1897; 30.04.1897; 29.06.1897; 10.08.1904.

CUNHA, Alberto Coelho da. Notas extrahidas das cadernetas do recenseamento relativo á 2ª secção a cargo do official recenseador. S/d. (Disponível na Biblioteca Pública Pelotense, Pasta ACC – 016 CDOV-A. Manuscrito).

D'AZEREDO, Francisco de Paula. Em Trânsito pelo Rio Grande do Sul em 1816 (Notas de Viagem). *Revista Província de São Pedro*. N. 21. Porto Alegre: Globo, 1957. P. 26-34.

D'EU, Conde. *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul*. (agosto a novembro de 1865). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

DIÁRIO DE PELOTAS. 04.04.1878; 24.06.1880; 12.12.1882; 28.02.1889.

DIÁRIO POPULAR. 08.11.1891; 10.07.1903; 19.12.1906; 18.12.1908; 04.12.1912; 17.01.1918.

DIAS, Celia Maria de Moraes. “Home Away from Home” Evolução, Caracterização e Perspectivas da Hotelaria: um estudo compreensivo. Dissertação (Mestrado em Turismo). ECA-USP, São Paulo, 1990.

DIAS, Célia Maria de Moraes. O modelo de hospitalidade do Hotel Paris Ritz: um enfoque especial sobre a qualidade. In: DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). *Hospitalidade. Reflexões e perspectivas*. São Paulo: Manole, 2002.

ISABELLE, Arséne. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. (1833-1834) (Tradução de Dante de Laytano). Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

LONER, Beatriz Ana. *Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937*. Volume 1. 1999. 727 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

LOPES NETTO, J. Pelotas – Oriem do nome –. *Revista do 1º Centenário de Pelotas*. Pelotas, N. 1, 15 outubro de 1911. (Publicação Auxiliar para a Commemoração Projetada pela Biblioteca Pública Pelotense).

LUCCOCK, John. *Aspectos Sul-Riograndenses no 1º quartel do século XIX*. (Tradução de Nelson C. de Mello e Souza). Rio de Janeiro: Record, 1935.

MAGALHÃES, Mario Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: EDUFPEL: Co-edição Livraria Mundial, 1993)

MULHAL, Michael. G. *O Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs*. (Tradução de Euclides Santos Moreira e Revisão de Rosaura Eichenberg). Porto Alegre: Bels, 1974.

ONZE DE JUNHO. 19.02.1882; 18.06.1882; 27.04.1883; 26.10.1883; 24.02.1884.

O REBATE. 24.06.1915; 21.11.1918; 22.04.1920.

OSORIO, Fernando. *A Cidade de Pelotas*. 3. ed. rev. Pelotas: Armazém Literário, 1997. vol. 1. (Coleção Cidade de Pelotas, 1).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. (Série Revisão, 1)

PIRES, Mário Jorge. *Raízes do Turismo no Brasil*. São Paulo: Manole, 2001.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)*. (Tradução de Leonam de Azeredo Pena). Rio de Janeiro: Ariel, 1935.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. *Espelhos, Máscaras, Vitrines*. Estudo Iconológico de Fachadas Arquitetônicas. Pelotas, 1870-1930. 1997. 211 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.